



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**RENATA DANTAS BARBOSA**

**INDISCIPLINA NA ESCOLA: LIMITES OU LIBERDADES**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2009**

**RENATA DE SOUSA MACIEL**

**INDISCIPLINA NA ESCOLA: LIMITES OU LIBERDADES**

**Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.**

**Orientadora: Professora Ma. Maria Janete de Lima.**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2009**



M152i Maciel, Renata de Sousa.  
Indisciplina na escola: limites ou liberdade / Renata de Sousa Maciel. - Cajazeiras, 2009.  
45f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2009.  
Contém Bibliografia.  
Não disponível em CD.

1. Indisciplina escolar. 2. Aluno indisciplinado. 3. Relação professor-aluno. 4. Indisciplina em sala de aula.  
I. Lima, Maria Janete de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 37.091.5

RENATA DE SOUSA MACIEL

INDISCIPLINA NA ESCOLA:  
LIMITES OU LIBERDADE

Monografia apresentada em: 20, fevereiro de 2009.

*Maria Janete de Lima*

---

**(Orientadora – Prof<sup>ª</sup>. Ms. Maria Janete de Lima)**

CAJAZEIRAS/PB  
2009

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a meus pais José Wellington Maciel e Euda Suelly de Sousa Maciel, que me concederam a vida e trilharam meu caminho com muito carinho e amor, mesmo com a distância dos mesmos e apesar das saudades, que muitas vezes me desmotivava. E também dedico este belo trabalho a meu esposo Abdon Salomão Lopes Furtado, que sempre me deu total apoio para com o curso, sempre me motivando e me ajudando nas horas mais difíceis.

## **AGRADECIMENTOS**

### ***DEUS***

Agradeço à Deus por ter me dado força e coragem nos momentos mais difíceis, para a conquista deste grande sonho.

### ***FAMÍLIA E AMIGOS***

Aos meus pais José Wellington Maciel e Euda Suelly de Sousa Maciel, que mesmo distantes me deram total amor e fortaleza para a realização deste trabalho. A minha família em geral, pelo apoio familiar que me concedeste .

### ***IRMÃS***

As minhas irmãs Rafaela de Sousa Maciel e Renalianne de Sousa Maciel, que também distantes, nunca deixaram de demonstrar seu carinho de irmãs, sempre me aconselhando e me motivando.

### ***ESPOSO***

Ao meu esposo Abdon Salomão Lopes Furtado, pelo companheirismo e apoio incondicional nas horas que mais precisei.

### ***PROFESSORES***

A professora Maria Janete de Lima, pelos encaminhamentos acadêmicos que me deram subsídios significantes para o desenvolver dessa pesquisa e a conclusão desse trabalho.

### ***ESCOLA***

A Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental e Médio Dr. Silva Mariz, que possibilitou o espaço para a concretização dessa pesquisa.

E a todos que direta ou indiretamente, contribuíram para a realização dessa pesquisa.

**“A educação é uma atividade criadora que traz, à existência aquilo que  
ainda não existe. ” ( Rubens Alves ).**

---

## RESUMO

O referido trabalho científico objetivou mostrar a relevância do tema "Indisciplina na escola: limites ou liberdade", a ser discutido e trabalhado na escola, possibilitando formar cidadãos que possam desenvolver seu caráter crítico e ao mesmo tempo exigindo dos educandos criatividade, flexibilidade, escuta e acima de tudo limites. Antes a tarefa de educar era (ao menos aparentemente) mais simples, pela existência de regras rígidas, quase dogmáticas. Com o decorrer dos anos, a globalização, o avanço da tecnologia, o amplo acesso a cultura, e diante de uma grande massa de informação sobre o processo educativo, educar torna-se um ato mais complexo, e a teoria se torna cada vez mais distante da realidade familiar e educacional. Pais e educadores por confusão ou insegurança, são levados a posições excessivamente, liberais, mescladas de culpa ao tentarem impor limites aos filhos e alunos. Isso resulta muitas vezes, em uma completa ausência de autoridade, já que educar implica sempre, em menor ou maior grau, a necessidade de impor limites, mediante regras básicas claramente estabelecidas. Nessas inversões de papéis, o autoritarismo e tirania dos pais e professores cedem lugar ao autoritarismo à tirania dos filhos e alunos. O diálogo, o respeito, o companheirismo e a comunicação verdadeira são essenciais para o desenvolvimento, assim como o limite e a disciplina. As regras justas são de uma ajuda indispensável. Regras justas, e não regras inflexíveis, já que a agressividade e o autoritarismo podem gerar rancores, hostilidade, sentimentos de rejeição e rebeldia. Só se educa aquele que não se tem necessidade de dominar.

**Palavras - chave:** Indisciplina; limites; família; educador; diálogo; respeito.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>CAPÍTULO I – A indisciplina e a falta de limites</b> .....	11
1.1 A indisciplina em sala de aula .....	15
1.2 Escola, infância e modernidade .....	17
1.3 A relação professor-aluno .....	20
<b>CAPÍTULO II – Poder gera indisciplina</b> .....	22
2.1 A indisciplina e o processo educativo .....	23
2.2 A indisciplina extrapola a escola .....	26
2.3 Os desafios da indisciplina em sala de aula .....	27
2.4 Resgate dos professores .....	31
<b>CAPÍTULO III – Percurso Metodológico e Análise dos Dados</b> .....	34
3.1 Metodologia da pesquisa: estudo de caso .....	34
3.2 Caracterização da Escola .....	35
3.3 Análise dos questionários do gestor .....	36
3.4 Análise dos questionários dos professores .....	37
3.5 Análise dos questionários dos alunos .....	40
3.6 Análise do estágio .....	42
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	43
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	44
<b>ANEXOS</b> .....	45

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema "Indisciplina na Escola", no qual foi escolhido para saber se as escolas e seus profissionais estão preparadas para resolver estas situações de indisciplina entre os alunos. Portanto com o citado trabalho, podemos aprender quais as idéias e sugestões para transformar a escola num verdadeiro ambiente educativo, capaz de reduzir a agressividade dos estudantes e ajudá-los a se tornarem mais participativos e menos indisciplinados.

Muitas vezes é uma situação delicada, por exemplo, a família não impõe limites e esse tipo de problema chega até a escola. Por isso, temos que pensar na figura do professor, ele deve saber como lidar com esta situação, que tipo de encaminhamentos tem que ser dado e etc.

Contudo, falar em educação é por excelência falar em batalhas, dificuldades, busca de limitações, afinal, o princípio educacional tem como norte, o romper barreiras. Portanto desde os primórdios apresenta-se como dificuldade supra do método educacional, buscar formas de bem gerenciar, e disciplinar as relações no ambiente escolar.

Segundo estudos, a indisciplina é uma das causas mais apontadas pelos professores para o fracasso do planejamento inicial. O que fazer com aqueles alunos que não param de conversar e não participam das atividades na sala de aula?

Desta forma, o estudo foi realizado numa sala de 2º ano, na Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental e Médio Dr. Silva Mariz, na cidade de Marizópolis - PB.

Esses estudos foram desenvolvidos através de entrevistas, questionamentos, palestras e observações em sala de aula. Criar situações com histórias ou brincadeiras que levem a turma a refletir sobre o comportamento de um ou mais colegas sem expô-los.

Deste modo o presente trabalho tem como objetivo geral: • Identificar e analisar o tema indisciplina e suas conseqüências para o processo de ensino-aprendizagem. Temos também para apresentar os objetivos específicos que são: • Verificar se o professor está preparado para lidar com a indisciplina, saber os encaminhamentos para cada situação; Averiguar a relação

professor-aluno e vice-versa e as suas conseqüências dessa relação diante da indisciplina; Caracterizar as dificuldades encontradas pelo professor para trabalhar o tema; Analisar a forma de como é trabalhada a indisciplina na sala de aula.

Portanto, será apresentado neste trabalho três capítulos. No capítulo I - A indisciplina e a falta de limites: Que buscou mostrar como se desenvolve a indisciplina familiar, sabendo que a ajuda da família é indispensável no crescimento das crianças. "A criança é movida por uma biológica que está sendo quebrada pela euforia do amor". Para isso nos baseamos nos estudos de (TIBA, 1996).

No capítulo II- Poder gera indisciplina: Segundo ( FOUCAULT, 1995), "Existe sim uma relação entre poder e indisciplina". A indisciplina faz parte da própria estratégia de poder, portanto, é de responsabilidade da escola e dos pais ajudarem no comportamento dessas crianças, para que mais tarde não parece difícil resolver este tipo de problema.

Capítulo III - Análises dos questionários e percursos metodológicos: Onde houve a observação e aplicação de questionários, na qual, podemos conhecer melhor a cerca do tema em estudo.

Por isso nós educadores devemos sempre nos aperfeiçoar ao trabalho de educador, apresentar novos projetos que trate do tema mais presente nas salas de aulas, onde um destes temas mais presentes está o de indisciplina, que não para de crescer nas escolas, portanto está aí algumas das formas de diminuir este problema, através deste trabalho iremos lhes proporcionar dicas de como sair desta. E com a ajuda do educador e dos demais colegas, essas dificuldades sejam amenizadas ao longo do tempo.

## CAPÍTULO 1 – A INDISCIPLINA E FALTA DE LIMITES

Esse trabalho pretende ser tão - somente uma reflexão sobre a indisciplina que atinge as nossas escolas .Educar exige, ao mesmo tempo, criatividade, flexibilidade, escuta e limite. Na teoria, isso parece fácil, mas na prática, não o é.

Os pais na ânsia de acertar sempre acabam cometendo erros primários, o que os leva a um sentimento de culpa. Esse sentimento estimula a permissividade, como forma de compensação. Da mesma forma, o medo de errar, frustra ou contraria acaba transformando em problemas com situações simples do dia-dia.

Os professores por sua vez nunca publicou, discutiu ou questionou sobre educação e desenvolvimento emocional de alunos. Da mesma forma, nunca se teve tanta insegurança em relação ao processo educacional. Antes, a tarefa de educar era (ao menos aparentemente), mais simples, pela existência de regras rígidas, quase dogmáticas.

Com o decorrer dos anos, a globalização, o avanço da tecnologia, o amplo acesso á cultura, e e diante de uma grande massa de informação sobre o processo educativo (e sem saber muito bem o que fazer com isso ), educar torna-se um ato mais complexo, e a teoria se torna cada vez mais distante da realidade familiar e educacional.

Pais e educadores, por confusão ou insegurança, são levados a posições excessivamente. Liberais, mescladas de culpa ao tentarem impor limites aos filhos e alunos. Isso resulta, muitas vezes, em uma completa ausência de autoridade, já que educar implica sempre, em menor ou maior grau, a necessidade de impor limites, mediante regras básicas claramente estabelecidas. Nessas inversões de papeis, o autoritarismo e tirania dos pais e professores cedem lugar ao autoritarismo á tirania dos filhos e alunos.

"A criança é movida por uma disciplina biológica que está sendo quebrada pela euforia do amor. Mas, felizmente, a grande plasticidade psicológica que existe em um relacionamento saudável permite que ela supere o desrespeito por parte dos aís" (TIBA,1996, p. 31).

Será que os alunos mudaram tanto, ou é a sociedade que está mais exigente depois que tecnologia lhe permitiu várias regalias? Na essência, crianças, adolescentes, alunos não mudaram tanto assim: Eles foram e sempre serão insistentes quando querem alguma coisa; eles estarão sempre testando autoridade e tentando quebrar limites, com um refinado grau de percepção das fraquezas e inseguranças dos educadores.

O diálogo, o respeito, o companheirismo e a comunicação verdadeira são essenciais para o desenvolvimento, assim como o limite e a disciplina. As regras justas são de uma ajuda indispensável. Regras justas, e não regras inflexíveis, já que a agressividade e o autoritarismo podem gerar rancores, hostilidade, sentimentos de rejeição e rebeldia. Só se educa aquele que não se tem necessidade de dominar.

Esses elementos nos remetem á importância da família como a formadora da primeira identidade social, agindo como mediadora entre o indivíduo e a sociedade. E nessa instituição que se dão os primeiros contatos com o mundo das regras e dos valores vigentes na sociedade. A escola não substitui a família e nem supre a sua falta. Os pais, primeiros referenciam em figuras de autoridade, tornam-se responsáveis pelas diversas formas com que seus filhos iram lidar posteriormente com os limites impostos pela vida em sociedade. Pais inseguros, incoerentes serão referenciais negativas para os filhos, estimulados neles a transgressão e a rebeldia.

Interagindo com a família, a escola participa desse projeto comum, que é a formação / educação da criança e do adolescente. Nesse sentido, o esclarecimento mútuo de direitos e deveres por educadores podem se construir um facilitador no processo educativo. Não se pode esquecer, ainda que valores fundamentais como respeito mútuo honestidade, reciprocidade, tolerância, consideração, perderam muito de sua credibilidade nas sociedades atuais, onde as relações estão cada vez mais superficiais e desprovidas de afetividade e cada vez mais se busca incessantemente o poder, estimulando o individualismo exagerado.

Fatores que concorrem para o aumento da indisciplina nas escolas: desmotivação, promoção automática ( "progressão continuada" ), falta de infra-estrutura material humana, falta de professores, despreparo do pessoal, excesso de burocracia e falta de maior contato com os alunos, pouca participação de comunidade.

Um dos obstáculos mais freqüentes na hora de usar o mau comportamento a favor da aprendizagem é uma atitude comum a muitos professores: encarar a indisciplina como agressão pessoal. "Não podemos nos colocar na mesma posição das crianças". O professor precisa desempenhar seu papel - o que inclui disposição para dialogar sobre objetivos e limitações e para mostrar ao aluno o que a escola ( e a sociedade ) espera dele. Só quem tem certeza da importância do que está ensinando e domina várias metodologias consegue desatar esse nós.

Indisciplina, pela própria etimologia, sempre andou lado a lado com a educação escolar. A literatura e as conversas de ex-alunos estão repletas de exemplos e de casos concretos. Talvez, no contexto descrito no parágrafo anterior, esse fenômeno tenha passado de ingênuo, salutar e motivador, para violento, marginal desagregador, quando então pode desembocar na violência.

A indisciplina é uma das maneiras que as crianças tem de comunicar que algo não vai bem. Por trás de uma guerra de papel podem estar problemas psíquicos ou familiares. Ou um aviso de que o estudante não está integrado ao processo de ensino e aprendizagem.

O problema das crianças exercerem a indisciplina está muitas vezes gerado pelos avanços tecnológicos que permitem milhares de informações e imagens, das mais diversas culturas e fatos que invadem suas casas pelas emissoras de rádio, televisão e internet. Muitos pais se perguntam: O que fazer? Liberar tudo? O que proibir?

O fato de a televisão ter se tornado uma "ocupação" constante para a criança é visto com cautela pelos pais. Ao mesmo tempo em que tal ação representa o indício de que o filho esta se integrando aos novos tempos, significa também que ele esta se integrando ao que há de pior neste espaço de informação e imagens indiscriminadas.

Quanto maior a oferta de informação, maior a dificuldade em julgá-la, isto é, separar seu valor de exemplo ou de contra exemplo, distinguir seu caráter de realidade ou fantasia, qualificar. Positivamente ou negativamente uma imagem.

Os costumes dos nossos filhos não dependem só do que eles aprendem dentro de casa. A educação escapou ao controle da família, porque desde pequena a criança já recebe influência da escola, dos amigos e da babá eletrônica, a televisão (TIBA, 1996, p.71).

Podemos imaginar uma atitude complementar, que, de fato, observamos em muitos pais, que é a de tentar restringir o acesso a esta realidade "dura demais", impondo limites. É melhor não saber daquilo com que não se pode lidar ou entender. Essas duas atitudes de proteção, por desqualificação ou por restrição, estão cada vez mais difíceis de sustentar. Em uma época onde é importante saber de tudo e o quanto antes, os pais se vêem pressionados a introduzir cada vez mais cedo os filhos neste mundo da informação.

Na classificação dos saberes restritos, duas figuras encabeçam a lista do que se deve evitar expor a criança: a violência e a erotização dos costumes. É claro que programas que exploram diretamente tais aspectos de nossa cultura devem ter seu acesso vetado à criança. Há um consenso de que a exposição a tais programas é um fator de risco para seu desenvolvimento social e cognitivo.

Enfim, para transformar a indisciplina em disciplina, é preciso principalmente que os professores trabalhem com responsabilidade, bom humor e acima de tudo companheirismo com os alunos. Partindo desses pressupostos em referência, somos conscientes das necessidades de uma junção de forças para regarmos as esperanças, a auto-estima, à fé e acima de tudo o compromisso com o processo educativo para a construção da cidadania.

A lei de causa e efeito para o processo de construção do saber norteia os caminhos para a formação de conhecimentos, disponibilizando métodos compatíveis com as necessidades em suas diferentes particularidades de formação de pensamento e idéias, capazes de promover uma socialização de informação, fonte de desenvolvimento ético, cultural e de impactos positivos para a sustentabilidade do ensino aprendizagem. Onde vivemos em um mundo educativo de eterna aprendizagem e de adversidade quanto variadas formas de direitos e deveres sufocadas pelas taxas de indisciplinas escolares que se diverge em pensamentos, no entanto, se busca a construção uma revolução de inclusão educacional e cultural.

## 1.1 A indisciplina em sala de aula

Toda moral pede disciplina, mas toda disciplina não é moral. O que há de moral em permanecer em silêncio horas a fio, ou em fazer fila? Nada, evidentemente. Portanto, ao abordar a questão da disciplina pela dimensão da moralidade, não estou pensando que toda indisciplina seja condenável moralmente falando, nem que o aluno que segue as normas escolares de comportamento seja necessariamente um amante das virtudes ( pode ser simplesmente movido pelo medo de castigo ou achar ser mais "lucrativo" não enfrentar professores e bedéis ).

Mais ainda, certos atos de indisciplina podem ser genuinamente morais: por exemplo, quando um aluno é humilhado, injustiçado e se revolta contra as autoridades que o vitimizam. Portanto, tenhamos cuidado em condenar a indisciplina sem ter examinado a razão de ser das normas impostas e dos comportamentos esperados ( e sem, também, termos pensado na idade do aluno: não se pode exigir as mesmas condutas e compreensão de crianças de 8 anos e de adolescentes de 13 ou 14 ).

Feitas estas ressalvas, é claro que existe um vínculo entre disciplina em sala de aula e moral. Primeiramente, porque tanto disciplina como moral colocam o problema da redação do indivíduo com um conjunto de normas. E segundo, porque vários atos de indisciplina traduzem-se pelo desrespeito, seja do colega, seja do professor, seja ainda da própria instituição escolar (deprecação das instalações, por exemplo ). É certamente este aspecto desrespeitoso de certos comportamentos discentes que preocupa no mais alto grau os educadores. Muitos têm medo de entrar na sala de aula, não apenas por temerem não ter êxito na tarefa de ensinar, mas sobretudo por não saberem se receberão tratamento digno por parte dos seus alunos. A indisciplina é freqüentemente sentida como humilhante. Isto posto, vamos eleger alguns itens de reflexão para encerrar o presente capítulo.

1. Se a análise feita do enfraquecimento da relação vergonha/moral for correta, explicam-se facilmente certos comportamentos indisciplinados relacionados a valores morais. Pensemos de forma extrema: se o essencial da imagem que os alunos têm de si ( e querem que os outros tenham deles ) inclui poucos valores morais, se seu "orgulho" alimenta-se de outras características, é de se esperar que sejam poucos inclinados a ver

no respeito pela dignidade alheia um valor a ser reverenciado, e nem a considerar seus atos de desobediência como correspondentes a uma imagem positiva de si ( afirmação da própria dignidade, como no caso da revolta contra a autoridade ). Não sentirão nem vergonha, nem orgulho de suas balbúrdias. Não sentirão nada. O olhar reprovador do professor não terá efeito: seus cenários são outros, suas platéias são outras.

É isto que se pode dizer de maneira extrema ou global. Uma sala de aula pode assemelhar-se ao caos do trânsito nas ruas e estradas. Cada motorista deseja que os outros admirem seu carro, não aceita que julguem sua maneira de guiar, cada vez mais desregrada. Cada aluno quer ser admirado pessoalmente, mas não concebe que alguém possa condenar seu comportamento sociais. Quem o fizer não passará de um "motorista", supremo insulto!

O defeito do quadro antes esboçado é sua generalidade. Nos próximos itens, vamos pensar algumas particularidades da instituição escolar, vamos também pensar a vergonha e a imagem que os alunos têm de si ( e que temos deles ) de forma mais ampla.

2. Uma das belas descobertas da psicologia foi o papel das motivações ( conscientes e inconscientes ) nas condutas humanas. Infelizmente, várias vezes tais descobertas acabou por legitimar um novo despotismo: o depoimento do desejo. Nas escolas e nas universidades, este fato é marcante. Os alunos acham perfeitamente normal desertar aulas por eles consideradas "maçantes", e isto a despeito da qualidade intelectual da matéria dada e do professor. Portanto, não é mais em nome de uma norma que se pode exigir certos comportamentos dos alunos, mas sim pela procura de contemplar suas motivações mais recônditas. Novamente, é a esfera privada e íntima que dá as cartas.
3. A vergonha de ser velho, o orgulho de ser ou parecer jovem: tal é o espírito atual. "Nossa época prefere as crianças aos sábios". (Comte-Sponville apud Aquino, 1996, p.22). Novamente, um avanço ético da sociedade (bem traduzidos pelos Direitos da Criança ) tende a se transformar numa cilada na qual são pegos os próprios jovens. A família, antes organizada em função dos adultos, passa a ser organizadas em função das crianças. Ontem, sair de casa era ganhar a liberdade, hoje significa perdê-la. Daí a

atual queixa de falta de limites na criança. Os pais e professores tem medo de impô-los porque significaria impor o registro adulto, no qual não acreditam mais, a criança é adulada porque é criança: sua auto-estima já está dada pela própria idade que tem. A força do estuário dobra-se perante a fragilidade da nascente. E a nascente acaba por não ganhar a força do rio, pela simples razão de que não encontra um rio. Os pais engatinham na frente dos filhos, brincam de negar as diferenças e de ser apenas "amigos" de suas progenitoras, escondem seus valores por medo de contaminá-las, aceitam seus desejos por medo de frustrá-las. E o fato acaba por se repetir na escola. Troca-se Machado de Assis por histórias de Walt Disney, a Filosofia pelas discussões das crises existenciais, as ordens pelas negociações, a autoridade pela sedução. A escola passa a ser o templo da juventude, não mais o templo do saber.

"Nossa época cessou de reverenciar o estudo e a instrução. Seus ídolos estão em outros lugares (...) e não existe quase mais nada da vergonha que assolava, há pouco tempo, o mau aluno, o ignorante. Pelo contrário, ei-los que reinam na mídia, novos reis preguiçosos, que, longe de enrubescerem de não saber nada, se orgulham disto. (...) Não satisfeito em ridicularizar a escola, suplantá-las e provar que o sucesso e o dinheiro não passam mais por esses templos do conhecimento" (BRUCKNER apud AQUINO, 1996, p.23).

## 1.2 Escola, infância e modernidade

A ligação estreita entre disciplina, aprendizagem e psicologia da criança, que está implícita no cotidiano escolar atual, articula-se a partir de um certo estatuto da infância. Com efeito disciplinar os hábitos das crianças, pesar pensar a aprendizagem como o desdobrar inelutável de um programa de sustentar a tese da existência de capacidades psicológicas maturacionais justificam-se necessariamente em da idéia da criança como um *adulto-em-desenvolvimento*. Em outras palavras, se não se pensasse que na criança de hoje reside a chave *ver ser infantil* do amanhã do adulto, não teria sentido dispor o cotidiano escolar em *função de um de*.

Mais ainda, hoje em dia, à criança cabe dar, sistematicamente, prova de que o adulto do futuro nada vai faltar, pois assim o adulto do presente usufrui de uma certa felicidade. Como sabemos, quando um adulto olha nos olhos de uma criança, e enfoca de fato os olhos a criança ideal, recupera a felicidade que acredita ter perdido, uma vez que retorna do fundo deste olhar sua imagem às avessas. Ou seja, na forma educada que hoje temos de tratar a infância está em jogo uma operação importante do ponto de vista da economia gazosa do adulto.

Assim não deve nos surpreender que a imagem de uma criança ideal tire, obcecadamente, o sono dos espíritos pedagógicos.

O que se almeja na atualidade não é mais que uma criança aprenda aquilo que ela não sabe e o adulto sim, porém fazer dela esse ao *menos um adulto* que, no futuro, não padeça de nossas impotências atuais. Em outras palavras, se antes se pedia, com ou sem chicotes, à criança que fosse um adulto mais ou menos educado, com o tempo passou-se a almejar cada vez mais que possuísse no futuro toda a potência imaginária que o adulto pensa que lhe falta e que, portanto, não o deixa ser feliz.

Entretanto, se o que agora passa a se demandar é algo tão impossível quanto o era, em última instância, o anterior, isso deve ser necessariamente de uma outra qualidade a tal ponto que o cotidiano escolar não só em nada se parece às pequenas escolas do século XV, como também passou a justificar-se a partir de uma singular ligação entre disciplina, aprendizagem e psicologia infantil.

Se na atualidade espera-se que as crianças venham a ser adultos possuidores de tudo aquilo que hoje nós não temos imaginariamente, bem como, por cima, trata-se de consegui-lo graças à metódica observância de um programa tanto moral quanto natural, então, por um lado, toda empresa pedagógica acaba se revelando pouco eficaz, e, por outro, os alunos acabam se transformando em crianças mais ou menos indisciplinadas.

Isso acontece uma vez que o norte da moderna empresa pedagógica é uma criança feita de um puro estofado imaginário. Tanto a pretensa eficácia pedagógica quanto a disciplina perfeita não podem menos que implicar a desaparecimento da distância entre um aluno real e a criança ideal. Em outras palavras, o cotidiano escolar se articula em torno da tentativa de vir a apagar a diferença que habita no campo subjetivo.

Pois bem, que diferença é essa que habita o sujeito? Vejamos: Segundo Aquino, 1996: aquilo que está em questão no comentado *estádio do espelho* é o reconhecimento da própria imagem ou um processo identificatório primordial que possibilita ao *infans* funcionar como "um" junto a outros, no interior de um sistema simbólico de intercâmbios.

Assim, lembremos apenas que:

1. A imagem especular unifica, isto é, fabrica "um" onde antes havia apenas fragmentos, na medida em que ela é em si mesma uma *promessa de unidade*.
2. Nessa promessa, o adulto antecipa de fato o futuro para a criança, uma vez que a unidade refletida no espelho é uma unidade a ser conquistada, ou seja, não é no real.
3. Essa imagem espetacular está, em certo sentido, carregada de desejo.
4. Essa criança-imagem que o adulto recorta na superfície do espelho é o reverso imaginário daquilo que a ele falta.

Desta forma, o processo de reconhecimento da própria imagem está vetorizado pelo fato de o adulto fazer circular na cena inconsciente uma mensagem como a seguinte: "se você é como aquele que aparece no espelho, você ganha a unidade que te falta e, por acréscimo, entra no círculo do desejo, uma vez que é assim que eu quero você" (AQUINO,1996, p.33).

Entretanto, as coisas não são tão simples, uma vez que, como sabemos a assunção dessa imagem como sendo a própria é a instalação de um paradoxo. Quando um sujeito se reconhece no espelho e se afirma "este que está aí sou eu" está de fato afirmando uma coisa um tanto contraditória, segundo os manuais de lógica do colegial. Assim, o sujeito se vê onde não está, ele diz estar num lugar fora de si mesmo ou, em suma, o sujeito diz ser aquilo que não é.

Nesse sentido, podemos afirmar que a experiência especular, ao mesmo tempo em que unifica o *infantis*, coloca o sujeito numa verdadeira encruzilhada, uma vez que o divide em duas partes: aquela que o representa ( embora não sendo ele ) permite os outros e "si mesmo", e a outra que, se não fosse pela divisão ocorrida, seria supostamente "ele mesmo", porém sem saber que ele é.

### 1.3 A relação professor - aluno

Por que tomar, a partir de agora, a relação professor-aluno como foco conceitual no que se refere aos encaminhamentos da problemática disciplinar? Porque não é possível conceber a instituição escolar como algo além ou aquém da relação concreta entre seus protagonistas. Ao contrário, a relação instituída/instituente entre professor e aluno é a matéria-prima a partir da qual se produz o *objeto institucional*.

Objeto institucional é aquilo do que a instituição se apropria reclamando a soberania e a legitimidade de sua posse ou guarda. Em outras palavras, trata-se de algo imaterial e inesgotável ( imaginário, poderíamos acrescentar ) que só pode se confirmar enquanto fruto de uma instituição específica. Por exemplo: conhecimento da escola, salvação na religião, direito no judiciário etc.

Tais objetos não existiriam senão enquanto efeitos do conjunto de práticas concretas entre os protagonistas principais de determinada instituição, práticas estas ora divergentes, ora complementares, mas sempre suportadas pela rede de relações entre seus atores concretos - mais comumente os agentes e a clientela, e mais esporadicamente o mandante e o público.

Agentes institucionais são aqueles que, a rigor, teriam a prerrogativa de posse ou guarda do objeto, enquanto a clientela seria, em tese, aqueles que, carentes do objeto, posicionam-se nas relações como alvo da ação dos agentes. Por exemplo: professores e alunos, sacerdotes e fiéis, médicos e pacientes etc.

Desta forma, objetivos como conhecimentos, o direito e a saúde, entre outros, não existiriam aprioristicamente, mas seriam produzidos mediante a ação concreta dos protagonistas institucionais por eles responsáveis. Para tanto, dois são os requisitos fundamentais de tal ação: a *repetição* e a *legitimação*.

No caso da educação, por exemplo, a escola torna-se seu lugar autorizado pelo fato mesmo de ser o espaço onde ela é praticada continuamente e, portanto, referendada aos olhos de todos

que a praticam. Trata-se, pois, de uma delegação de legitimidade e autoridade à escola sobre o fazer educacional, tornando-a o lugar privilegiado da tarefa educativa.

Escola, desde o ponto de vista institucional, equivaleria basicamente às práticas concretas de seus agentes e clientela, tendo a relação professor-aluno como núcleo fundamental. Isto significa: "conceber as instituições enquanto práticas sociais que, em sua particularidade, existem pela ação dos que cotidianamente a fazem e pelo reconhecimento desse fazer como uno necessário, justificado" (GUIRADO apud AQUINO, 1996, p. 50 ).

Voltemos ao problema da indisciplina, então. A partir das definições acima, não é possível que a saída para a compreensão e o manejo da indisciplina resida em alguma instância alheia a relação professor-aluno, ou que esta permaneça sempre a reboque das determinações extra-escolares.

A saída possível está no coração mesmo da relação professor-aluno, isto é, nos nossos vínculos cotidianos e, principalmente, na maneira com que nos posicionamos perante o nosso outro complementar. Afinal de contas, o lugar de professor é imediatamente relativo ao de aluno, e vice-versa. Vale lembrar que, guardadas as especificidades das atribuições de agente e clientela, ambos são parceiros de um mesmo jogo. E o nosso rival é a ignorância, a pouca perplexidade e o conformismo diante do mundo.

Alguém haveria de perguntar, e certamente o fará: o que fazer quando o aluno não apresenta a infra-estrutura moral para o trabalho pedagógico? É muito difícil supor que o aluno não traga esses pré-requisitos em alguma medida. Ao contrário, é mais provável que faltem a nós as ferramentas conceituais necessárias para reconhecê-los e, por extensão, presentificá-los na relação.

Pois bem, este trabalho de incessante indagação, inspirado no trabalho científico, não requer que o aluno permaneça estático, calado, obediente. O trabalho do conhecimento, pelo contrário, implica a inquietação, o desconcerto, a desobediência.

## CAPÍTULO II – PODER GERA INDISCIPLINA

Segundo (Foucault, 1995) existe sim uma relação entre poder e indisciplina. Pode parecer um equívoco falar em indisciplina se o poder é disciplinar; no entanto, o que fica demonstrado é que esta é uma das decorrências da disciplinarização: então, as coisas não se passam de fora para dentro, com um tato de poder reprimido uma conduta indisciplinada. Pelo contrário, a indisciplina faz parte da própria estratégia de poder, é gerada pelos mesmos mecanismos que visam a seu controle.

A "cola" é exemplo disso: só faz sentido num determinado cenário de avaliação e demonstra que o aluno, de sua posição, é bastante capaz de olhar a direção do olhar do professor e produzir, exatamente na falha desse olhar, o que burla a avaliação; anula-a naquilo a que ela se propõe; o conhecimento sobre o nível de conhecimento do aluno, que o exame visa atingir, invalida-se; e o aluno dribla a situação, dando a conhecer o que "cola".

Numa instituição, que se poderia chamar de pararducativa, como a FEBEM, os internos infratores com frequência dizem ( muitas vezes por atos isolados ou coletivos ) os jeitos de que dispõem para romper com aquela ordem. As "quebradeiras", os incêndios são, sobretudo, reações às condições da vida entremuros. Aliás, a FEBEM, para que já pôde conhecê-la de dentro e não apenas por notícia de jornal, apresenta-se exatamente como a mais fantástica combinação entre normalização e caos. Não só da parte dos meninos. A ordem FEBEM é isso (GUIRADO, 1986).

Numa ousada derivação da equivocidade das palavras, é possível dizer que o poder, lá em sua forma moderadamente disciplinar, gera indisciplina. Afinal, a rede de controle e vigilância, o olhar hierárquico representado pela arquitetura do parótico, o sistema contínuo de previsões de condutas certas ou erradas com as devidas contingências punitivas, bem como o exame ( prática que atravessa as mais diversas instituições da modernidade ), todo este aparato, todos esses dispositivos, por seu próprio exercício, vão incitar e colocar no discurso, exatamente, o que visa mitigar.

Então, *é permitida a indisciplina?* De certo modo, sim. Se entendo *permitir* como *facultar*, por tudo que se depreende do conceito, a rede de relação disciplinares faculta a indisciplina.

Como por exemplo: a relação professor/aluno que já vem abalada por embates e desafios, os problemas infra-estruturais como os salários e a precariedade das condições físicas; os problemas sociais e de relacionamento como os de segurança e ameaças ao exercício de sua função por alunos e outros grupos institucionais; os problemas técnicos e de formação que parecem eternamente desencontrados das demandas e das condições dos aprendizes; e assim por diante.

Esse cenário encontra-se ainda hoje entre os professores, em que pesquisas acadêmicas mostram que professores são conhecidos como autoritários, como braços do Estado na perpetuação da ordem burguesa, como mandatários quase irrecuperáveis das instituições educativas. E isso as vezes é o que leva o aluno a ser indisciplinado, pela despreparação do educador.

O leitor deve ter a sensação de que estamos brincando com as palavras e que tudo não passa de um jogo com meia dúzia delas. Brincamos sim, mas a sério. Fomos buscar, numa composição de dois termos, a possibilidade de dizer do avesso/direito do cotidiano, de dizer da complexidade de relações que habitualmente tomamos como óbvias e que de óbvias nada têm. Para tanto, estudamos o pensamento de um autor, tomamo-lo como referência e exploramos, inclusive, as possibilidades gramaticais e léxicas na constituição de sentidos.

## **2.1 A indisciplina e o processo educativo**

A questão da indisciplina nas salas de aula é um dos temas que atualmente mais mobilizam professores, técnicos e pais ( e, em alguns casos, até os alunos ) de diversas escolas brasileiras ( públicas e particulares, de educação infantil, de 1º ou de 2º graus ) inseridas em contextos distintos. Entretanto, apesar de ser objeto de crescente preocupação, no meio educacional este assunto é, de modo geral, superficialmente debatido. Além da falta de clareza e consenso a respeito do significado do termo indisciplina ou disciplina, a maior parte das análises parece expressar as marcas de um discurso fortemente impregnado pelos dogmas e mitos do senso comum ( nem sempre de bom senso ).

Isto se agrava na medida em que os estudos e pesquisas sobre a indisciplina ( natureza, características, identificação de possíveis causas, o papel da escola e da família na produção da indisciplina, a questão da indisciplina na sociedade contemporânea etc. ) além de parciais , ainda são relativamente escassos.

É comum ver a indisciplina na sala de aula como reflexo da pobreza e da violência presente de um modo geral na sociedade e fomentada, de modo particular, nos meios de comunicação, especialmente a TV.

Nessa perspectiva, parecem compartilhar a idéia de que os alunos são o retrato de uma sociedade injusta, opressora e violenta, e a escola, por decorrência, vítima de uma clientela inadequada ( Moysés; Collares, 1993 ). O pressuposto desta visão é o de que o indivíduo é um "receptáculo vazio" que se modela, passivamente, às pressões do meio. A escola se vê, deste modo, impotente diante do aluno, principalmente dos que provêm de ambientes economicamente e culturalmente desfavorecidos.

Muitos atribuem a culpa pelo "comportamento indisciplinado" do aluno à educação recebida na família, assim como à dissolução do modelo nuclear familiar:

Esta criança tem uma criação familiar totalmente autoritária, está acostumada a apanhar e a receber severos castigos, por esta razão não consegue viver em ambientes democráticos (AQUINO, 1996, p.88).

Ou ainda a falta de interesse dos pais em conhecer e acompanhar a vida escolar de seus filhos:

O problema da indisciplina está associado à desvalorização da escola por parte dos pais: eles nunca aparecem na escola, muito menos nas reuniões, não acompanham as lições e nem ensinam as advertências (AQUINO, 1996, p.88).

Neste caso, a responsabilidade pelo comportamento do aluno na escola parece ser única e exclusivamente da família. Novamente a escola se isenta de uma revisão interna, já que o problema é deslocado para fora de seu domínio.

O Brasil está em crise em praticamente todas as áreas. A Educação é, sem dúvida, uma das mais afetadas. Um país que não cuida da Educação de seu povo está condenando o seu futuro. O elo mais significativo são os professores que, entretanto, são os mais massacrados por essa

corrente da Educação, os alunos são os maiores prejudicados. Tudo isso prenuncia, como conseqüência, um futuro sombrio para o Brasil.

Como se não bastassem já as inúmeras dificuldades existentes, superpõem-se os interesses financeiros de algumas pessoas ou de alguns grupos empresariais que fizeram da Educação o seu principal filão. Não medem a qualidade de ensino, pouco se importam com a real formação do aluno. Visa apenas maior lucro, no capitalismo desumano e selvagem. Muitas escolas transformaram-se em empresas cujo objetivo primordial é ganhar dinheiro.

Nesses estabelecimentos, os professores não são adequadamente orientados para lidar com sua capacidade e aperfeiçoar a qualidade de seu trabalho; também desconhecem a sua importância na educação dos alunos, que muitas vezes só tem a eles como elementos de confiança, já que a crise sócio-econômica também consome seus pais. De acordo com Aquino,1996. Tais professores passam a ser material de comércio e, portanto, facilmente descartáveis, por vários motivos:

- Quando se acham professores dispostos a receber um salário menor, quase sempre eles têm menos experiência e capacidade didática.
- Muitas vezes, professores entram em choque com alunos por problemas de disciplina e a empresa escolar segue a máxima do comércio: "O freguês tem sempre razão". Ou seja: "O aluno é o freguês, portanto ele tem sempre razão".
- Quanto menor for o pagamento aos professores, maiores serão os lucros da empresa. Isto implica um pagamento pela hora-aula ínfimo e vergonhoso; além disso, não se levam em conta as horas que o professor gasta em casa para preparar aulas e corrigir provas.

Tais empresas aproveitam-se, inclusive, do silêncio dos professores-vítimas que se calam diante da sua própria impotência, decepção e mágoa. É lamentável quando se usa o santo nome em interesse próprio. Isso é o que acontece em algumas empresas escolares que usam o santo nome da Educação para encher seus cofres de dinheiro, enquanto trituram os professores, formam mal os alunos, detonam o ensino e acabam com o Brasil.

## 2.2 A indisciplina extrapola a escola

Antes de se caracterizar o jovem como "indisciplinado" ou "rebelde", melhor é analisar as condições e o momento em que ocorrem os atos ditos indisciplinados. É importante perceber que variados fatores podem provocar manifestações contrárias ao bom senso e às regras necessárias a um trabalho realizado em grupo. Questionar as razões que motivam tais atitudes pode despertar para o levantamento do diagnóstico e, na seqüência, determinar a solução de continuidade do problema que se apresenta.

Nota-se que a principal dificuldade dos professores refere-se à ausência da família no acompanhamento do processo educacional. A família é um núcleo fundamental na formação dos seres para o convívio social e tem um papel que só a ela cabe: introduzir as primeiras lições de cidadania e de respeito ao próximo, além de demonstrar exemplos de condutas adequadas.

São esses valores éticos, anteriores à etapa de escolarização da criança, que permitirão que ela se torne capaz de conviver harmonicamente com outras pessoas, obedecendo aos princípios da responsabilidade, solidariedade, reconhecimento dos direitos dos outros e compreensão de regras comuns.

Se a família não fornece esses valores, fica a cargo da escola, mais especificamente do professor, assumir tal responsabilidade. Como mediar conhecimentos, trabalhar com as habilidades de ouvir e falar, prestar atenção às diferenças, oportunizar manifestações pertinentes e acompanhar a assimilação das abordagens, em sala de aulas superlotadas? E não é só isso.

Para manter-se atualizado e desenvolver aulas melhores, o professor precisa acompanhar as transformações pelas quais passa o mundo a conhecer a realidade econômica, social, política e cultural do país. Portanto, precisa de mais tempo para leituras, planejamentos e preparação de materiais, atividades comprometidas pelo estresse da indisciplina que é obrigado a enfrentar.

Deve-se considerar que o conhecimento está presente em todos os lugares e não somente no âmbito escolar, como se acreditava em épocas passadas. O aluno ia a escola para aprender, e o professor, para ensinar. Essa relação espacial restrita passou a se modificar com o desenvolvimento das sociedades, dos meios de comunicação de massa e do avanço tecnológico. Hoje, muitas instituições educacionais ainda permanecem centradas em si mesmas, o que impede maior abertura para o diálogo, o consenso e para uma postura menos tradicional e mais progressista.

Esses fatores são preponderantes na relação ensino-aprendizagem. Sabe-se que os alunos gostam de aprender, têm curiosidade, mas não suportam a imposição do conhecimento. Eles precisam ser estimulados e a forma de aprendizagem deve ser prazerosa. Os jovens atuais não agüentam a dobradinha "giz e o quadro", recursos que deixam a desejar na era em que a comunicação se processa com rapidez e se modifica com velocidade, aumentando as possibilidades de aprendizagem longe do espaço escolar.

E esse espaço, que deveria ser o centro da criação, da divulgação de idéias e grandes contribuições para as comunidades onde se encontra, torna-se cansativo, repetitivo, insuportável. Então, "vamos bagunçar para chamar a atenção". Portanto, pôr fim à indisciplina escolar requer visão, mas também ação. Só que de forma conjunta. Com a participação ativa da família, com a conscientização do indivíduo e com a transformação da escola. Esses segmentos não podem atuar de maneira dissociada, porque o que está em jogo é a preparação de pessoas para o exercício da cidadania na sociedade.

### **2.3 Os desafios da indisciplina em sala de aula e na escola**

É grande o desafio que os educadores têm encontrado em relação à indisciplina em sala de aula e na escola, tanto na pública como na particular, todavia com manifestações diversas. Sabemos também que não se trata apenas de um problema brasileiro, mas de todo o planeta terra, claro que não estou generalizando, mas procurando apontar uma tendência, que é preocupante e precisa ser revertida.

Muitos professores se queixam em relação a indisciplina que tem sido muito forte. Podemos citar, algumas colocações de Vasconcellos, 1996:

A falta de interesse está muito grande. Os alunos estão dispersos, não respeitam mais os professores, estão vivendo em outro mundo. A tecnologia avançou demais e o professor infelizmente não acompanhou, ficou desinteressante para eles. Eles estão acostumados a apertar botão de videogame, de computador, e ver televisão e aí aparece o professor com apagador e giz... O professor não está conseguindo ter domínio, as aulas estão muito no passado, muito antigas. Os meios de comunicação ao invés de ajudar estão atrapalhando: programas muito violento. Não está existindo liberdade com responsabilidade. As crianças de hoje são mais espertas do que antigamente. A família não tem colaborado; os alunos vêm sem limites de casa. Geralmente há até conivências dos pais: o professor nunca tem razão. Há muitos problemas familiares. A própria família não sabe o que fazer; a mãe fala: "o que eu faço com ele? Vou matar?" (VASCONCELLOS, 1996, p. 93).

Podemos perceber alguns focos de queixa: o aluno, seu desinteresse, decorrente da tecnologia a que tem acesso fora da escola; os meios de comunicação, a sua influência negativa; a família não cumprindo seu papel; a escola, que não apóia o professor; a sociedade, sua (des) organização; e, depois de certo tempo, chega-se a colocarem questão a própria relação pedagógica. Só por este breve levantamento, podemos ver como o problema da disciplina está ligado a uma série de outras questões; não dá para falar de disciplina de uma forma isolada em relação à realidade maior.

A questão da disciplina pede, para seu enfrentamento, a ajuda de um conjunto de áreas do conhecimento, como a Sociologia, Antropologia, Psicanálise, Ética, Política, Psicologia, Economia, História, Tecnologia, Comunicação Social, além dos próprios saberes pedagógicos. Outro fato a ser considerado é que a disciplina é apenas um aspecto do processo de educação escolar, que por sua vez também é extremamente complexo e exigente, uma vez que se trata de participar da formação, ao mesmo tempo, de trinta, quarenta ou mais sujeitos. Que outra atividade humana apresenta tal nível de complexidade?

O "único" problema do professor é que ele é um sujeito concreto - não é anjo, um ser abstrato -, que trabalha com alunos também concretos, numa realidade concreta; se não fosse isto, tirando a concretude do real, seria superfácil ser professor, mas aí também não haveria necessidade de sua experiência...

Temos uma clareza: ser "dador" de aula, "tomador" de conta de aluno é fácil, mas ser professor, no seu sentido radical, não é fácil não. Por isto o professor precisaria ser muito bem formado e muito valorizado.

Segundo Vasconcellos, 1996: de certa forma, o professor "já sabe" o que deve fazer: em algum momento de sua vida já ouviu falar ou vislumbrou uma possibilidade de como deveria agir. No entanto, muitas vezes, não o faz. Por quê?

1) Não acredita mais profundamente, não está convencido:

- da proposta em si, não tem segurança de que seja o caminho correto;
- da eficácia da proposta, acha que talvez seja muito pouca em relação ao tamanho do problema, que não vai resolver.

2) Não sabe como fazer; uma coisa é ter ouvido falar, outra é ter competência para colocar aquilo em prática.

3) Não vê condições para fazer:

- seja efetiva ( fruto de uma análise mais criteriosa da realidade );
- seja fruto de sua percepção, sem muita base no real.

O que fazer do sujeito que depende do querer e do poder, que se relacionam dialeticamente, já que, por exemplo, o não ver possibilidade acaba diminuindo o desejo de fazer. O poder, por sua vez, tem uma base objetiva, que são as condições mínimas para a ação consiente do homem, portanto orientada pela base subjetiva.

Qual seria então o papel da reflexão?

- 1) Procurar resgatar o professor como sujeito, seu desejo, projeto, sentido, querer.
- 2) Demonstrar alguns mitos que funcionam como obstáculos epistemológicos.
- 3) Apontar alguns caminhos, alternativas, que estejam ao seu alcance (não algo "estratosférico"), em termos tão de processo, quanto de proposta de ação.

O problema da indisciplina está angustiando cada dia mais os educadores em geral e os professores em particular. A grande pergunta está na cabeça de todos é: **o que fazer?** Embora

esta questão seja da maior importância e deva ser respondida, entendemos que, antes, outras duas devem ser enfrentadas: **o que está acontecendo?; o que queremos?** É comum ouvirmos o seguinte: "Já sabemos bem qual o problema, até porque o sofremos na pele. Queremos é solução". No entanto, o que temos observado é que padecemos, mas não compreendemos o problema; no trabalho científico costuma-se afirmar que definir bem o problema é já ter 50% da solução.

Antes de mais nada, é preciso compreender que houve profundas mudanças na escola, na sociedade e nas suas relações. Parece difícil para os educadores darem se conta disto. O saudosismo ou o espírito de acusação estão muito fortes no cotidiano escolar. Agredidos, procuram inconscientemente algo alvo onde possam descarregar suas mágoas, suas incompreensões.

Sempre que pensamos em indisciplina, logo nos vêm a mente as idéias de limites ( restrição, frustração, interdição, proibição etc.) e de objetivos ( finalidades, sentido para o limite colocado ). A nosso ver, a crise da disciplina escolar hoje está associada justamente à crise de objetivos e de limites que estamos vivenciando.

Do ponto de vista dos objetivos, há uma crise geral de projetos, de sentidos para as coisas, em nível mundial quanto nacional, tanto institucional quanto pessoal, tanto ideológico quanto sócio-político-cultural. Há um sentimento generalizado de "geléia geral", que se manifesta na desconfiança em relação a razão, no "fim da história" e das utopias, no "salvem-se quem puder", no "procure curtir ao máximo a sua vida já" etc.

Na escola, esta crise se manifesta de muitas formas, mas com certeza uma das mais difíceis de enfrentar é a absoluta falta de sentido para o estudo por parte dos alunos. A pergunta "estudar para quê", nos parece, que nunca esteve tão forte na cabeça dos alunos como agora. A famosa resposta dada por séculos, "estudar para ser alguém na vida ", chega a provocar risos nos alunos, ante a clara constatação de inúmeras pessoas formadas, porém desempregadas ou muito mal-remuneradas. Estamos vivendo a queda do mito da ascensão social através da escola! Como entender isto?

A crise de limites provoca grande estrago na sala de aula e na escola, afinal "para que me comportar se não vejo sentido naquilo que estou fazendo?". Mas a esse fator vêm-se acrescentar outro: dois, um de ordem circunstancial e outro estrutural. De um lado, tudo isto está acontecendo justamente no momento em que os professores estão submetidos às mais desfavoráveis condições de trabalho dos últimos tempos: má formação, salários miseráveis, números excessivos de alunos em sala, falta de material didático apropriado, falta de espaço de trabalho coletivo constante na escola etc. De outro lado, temos a crise dos próprios limites, alimentada pela necessidade de um mercado baseado na exacerbação do consumo.

Nesta perspectiva, a quebra de limites é fundamental para poder alimentar a lógica do consumismo, e o grande alvo desta guerra é a criança, o elo mais fraco da corrente. Basta ver o número de propagandas dirigidas às crianças ou mesmo usando crianças como chamariz, pois se descobriu que, além de seu consumo direto, a criança tem hoje forte influência no consumo da família, chegando a decidir desde o tipo de eletrodoméstico até a marca de carro a ser comprado. Quebrar limite-especialmente da criança tornou-se, pois, fundamental. É um processo social de infantilização, onde é preciso satisfazer rapidamente os desejos sob o fantasma da frustração e até mesmo do trauma.

## **2.4 Resgate do professor**

A partir do exposto até aqui, fica claro que um dos maiores desafios é o resgate do professor como sujeito de transformação: acreditar que pode que tem um papel a desempenhar muito importante, embora limitado. Acreditar na possibilidade de mudança do outro, de si e da realidade.

Já de algumas décadas vem ocorrendo um processo de imbecilização, de destruição do professor, que chegou até a atingir profundamente seu autoconceito, sua auto-imagem, sua auto-estima. Isto é uma perversidade em termos de País. As classes dominantes tiram vantagem desta situação em termos imediatos - um povo sem educação e cultura é mais facilmente manipulável -, mas é um suicídio coletivo em longo prazo. Estamos percebendo alguns sinais claros disto: a questão da violência está emergindo com tanta força, que assusta a todos, até os próprios dominantes. Por trás deste fato, há também, com certeza, um trabalho educacional malfeito, seja no sentido da negação da possibilidade do processo de

humanização dos sujeitos, seja no sentido da anulação do caráter transformador do conhecimento.

De onde vem o drama do professor? Em parte, da percepção de que está incapacitado para dar conta de sua tarefa: o mundo mudou, o aluno mudou, mudou a relação escola-sociedade e ele continua o mesmo... O que lhe foi ensinado? Transmitir o conteúdo, cumprir o programa, controlar o comportamento do aluno através da nota. Hoje, as exigências são outras!

O que dizer de um profissional da educação que, muitas vezes, não sabe como se dá o conhecimento, não domina o próprio sentido do que ensina, em alguns casos mais extremos nem ao menos domina o próprio conteúdo que ministra ou, quando domina, ensina baseado na mera transmissão? Isto é doído, sabemos; todavia, com certeza, não será "tampado o sol com a peneira" - querendo esconder nossas falhas e deficiências - que iremos resolver os problemas. Insistimos que não se trata de um julgamento moral, como se o professor fizesse isto porque quer, porque escolheu conscientemente ser um mau profissional.

Ele é vítima também de uma lógica desumana e excludente. Mesmo quem saiu dos melhores centros de formação sabe que tem uma séria defasagem na sua capacitação, até porque a educação escolar, como vimos, é uma atividade de per si extremamente complexa, ainda mais a ser exercida nos dias de hoje.

Quando olhamos a escola brasileira, o que está produzindo? Fracasso em cima de fracasso; basta ver os elevadíssimos índices de reprovação e evasão escolar, o baixíssimo grau de aprendizagem dos alunos que tiveram "sucesso" revelado nas testagens nacionais e internacionais de conhecimentos mínimos. Exata sensação de fracasso começa nos próprios professores, por não terem condições mínimas de trabalho. A negação da escola começa pela negação do próprio professor. E isto não é à toa... Precisamos reconhecer sua delicada situação; de certa forma, nunca se pediu tanto ao professor como se pede hoje e ao mesmo tempo, nunca se deu tão pouco.

É necessário superar também este processo de infantilização: a falta de autonomia do professor, que assumem algo em que não vêem o menor sentido. Se o professor não começar a exercitar um pouco a sua dignidade, a sua cidadania, ter coragem de perguntar: por quê?

para quê? como?; se o professor não reagir, vai continuar se imbecializando-se. Muitos livros didáticos estão aí para isto também: quer coisa mais ofensiva que um livro do professor com resposta? É um profundo desrespeito.

Enquanto não tivermos coragem de enfrentar esta questão, superando os escapismos e os sonhos de eventuais "salvadores da pátria", não veremos muita possibilidade de mudança. Para mudar a realidade, é preciso fazer uma opção muito clara, no entanto, para não mudar, não é preciso fazer opção, uma vez que há uma lógica montada no sentido da reprodução. É necessário resgatar o professor como sujeito de transformação.

Não vai ser mantendo-nos no estágio de heteronomia, onde não podemos pensar, onde tudo vem pronto, que nós estaremos se ajudando. Faz-se necessário sair um pouco do "piloto automático", daquele mecanicismo, formalismo, que nos colocaram a começar a exercer uma das funções básicas de qualquer pessoa, de qualquer cidadão, contudo muito importante para o professor, que é a função da reflexão. Refletir, buscar, comprometer-se.

Poderíamos lembrar aqui as reflexões de FOUCAULT sobre a questão do poder: onde está o poder? Será que está apenas nos dirigentes, na mídia? Ou na verdade, embora tenhamos focos fortes de poder, ele tem uma capilaridade, está no dia-a-dia, nos vários agentes sociais? É preciso resgatar e redirecionar estes micro poderes locais, tendo em vista um projeto novo, denunciando e lutando contra o poder que se exerce como abuso: "(...) todos aqueles que o reconhecem como intolerável, podem começara luta onde se encontram e a partir de sua atividade (ou passividade) própria." ( FOUCAULT, 1981, p. 77).

Vamos lutar onde temos possibilidades concretas, ao mesmo tempo em que buscamos a ampliação destas possibilidades. Seria importante lembrar que o sistema não funciona sem a mediação de agentes concretos, dos quais nós fazemos parte, e que, por via de consequência, temos um poder nas mãos, em princípio limitado, mas real, e com possibilidade de ser ampliado de acordo com nossa capacidade de articulação. Precisamos criar uma rede ética instalada em nosso país.

Acreditamos profundamente no professor; hoje ele pode ter um papel revolucionário (ainda que correndo o risco, ao afirmarmos isto, de sermos chamados de "jurássicos", de utópicos).

Esta onda neoliberal, que está aí quebrando todas as esperanças, com a utopia; isto faz parte da essência do seu próprio trabalho.

O respeito e as exigências estão numa situação muito delicada, pois o professor precisa de "colo", mas ao mesmo tempo deve ser chamado às suas responsabilidades, ter coragem de se rever, de assumir a parte que lhe cabe, se quiser superar esta infantilização a que foi submetido. Um dos critérios para se definir uma profissão é que os sujeitos que a abraçam possam ser responsabilizados pelo seu exercício.

Portanto, entendemos que o problema de disciplina é tarefa de todos: sociedade, família, escola, professor e aluno. Todavia, não podemos ser ingênuos, pois, embora a tarefa seja de todos, nem todos estão interessados em resolver o problema. A responsabilidade, por ser algo mais de "dentro para fora", chama a ação, para o compromisso com a superação.

## **CAPÍTULO III - PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISE DE DADOS**

### **3.1 Metodologia da pesquisa: estudo de caso**

De acordo com Matos, 2001. Estudo de caso, trata-se de uma forma de investigação bastante utilizada nos cursos de pós-graduação, sobretudo pela facilidade operacional que proporciona. A alternativa de utilizar uma amostra reduzida, faz com que essa modalidade de pesquisa se apresenta como uma das mais populares entre os investigadores.

O estudo de caso é uma prática simples, que oferece a possibilidade de redução de custos, apresentado como limitação a impossibilidade de generalização de seus dados (GIL apud MATOS, 2001, p. 58).

Segundo Matos, 2001. A observação é uma técnica muito utilizada, principalmente porque pode ser associada a outros procedimentos, por exemplo, a entrevista. Para ser uma pesquisa eficaz, temos que observar e compreender o que é essencial e faz o registro. Devemos ainda orientar que a observação deve ser:

(...) orientada pelo um objeto de pesquisa, planejada, registrada, e ligada a proposições mais gerais, e que, além disso, deve ser submetida a controle de validade e precisão (GIL apud MATOS, 2001, p. 58).

O questionário, de acordo com Matos, 2001. Deve possuir um cabeçalho, em que será explicada a pesquisa, os objetivos, como também ser respondido por completo, e garantir o total sigilo das informações. As questões devem ser objetivas e claras, abertas, fechadas ou mistas.

### **3.2 Caracterização da escola**

Os questionários foram elaborados e aplicados com gestor, professores e alunos das séries iniciais da Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental e Médio Dr Silva Mariz, situada na rua Severino Jerônimo de Carvalho na cidade de Marizópolis-Paraíba, na qual a mesma possui os ensinamentos: infantil, fundamental e médio, funcionando nos três horários, sendo, o ensino infantil funcionando no turno da manhã e os demais funcionam nos turnos da tarde e da noite.

O objetivo desse questionário é de verificar se o gestor, professor e aluno estão preparados para lidar com a indisciplina e saber quais os encaminhamentos a ser tomados para cada situação, como também identificar as atitudes dos alunos diante desses problemas. Visto que, a indisciplina é um dos problemas que está afetando nossas escolas de forma agressiva e dolorosa, a questão da indisciplina nas salas de aula é um dos temas que atualmente mais mobilizam gestores, professores, pais e em alguns casos, até os alunos de diversas escolas brasileiras públicas e particulares, de educação infantil, de 1º ou de 2º graus.

Entretanto, apesar de ser objetivo de crescente preocupação, no meio educacional este assunto é, de modo geral, superficialmente debatido. Além da falta de clareza e de consenso a respeito do significado do termo indisciplina, a maior parte das análises parece expressar as marcas de um discurso fortemente impregnado pelos dogmas e mitos do senso comum. Isto se agrava na medida em que os estudos e pesquisas sobre a indisciplina ainda são relativamente escassos.

### 3.3 Análise dos questionários do gestor

Essas análises nos fazem refletir bastante diante das respostas apontadas, contudo iremos citá-las de acordo com cada pergunta elaborada e aplicada a gestora, que segundo a mesma possui vinte e sete anos de trabalho na educação e é licenciada em Pedagogia e Geografia.

Foram elencadas seis perguntas onde a primeira pergunta diz o seguinte: **O que você entende por indisciplina?** A mesma respondeu: Indisciplina são comportamentos irregulares.

No meu ponto de vista a resposta está com sentido vago, o conhecimento teórico sobre indisciplina continua distante das escolas, sabendo que está muito presente na prática. De acordo com Aquino, (1996). A indisciplina está centrada à conduta desordenada dos alunos, traduzidas em termos como: bagunça, tumulto, falta de limite, maus comportamentos, desrespeito às figuras de autoridades etc.

A segunda pergunta: **Como a escola tem resolvido a questão da indisciplina?** Resposta: Trabalhando.

A terceira pergunta foi a seguinte: **A escola tem desenvolvido algum projeto sobre indisciplina?** E como é trabalhado? Resposta: Não. " Como a resposta foi não, seria muito interessante que todas as pessoas que formam uma escola pudessem desenvolver um projeto referente ao tema".

A quarta pergunta foi elaborada de acordo com a terceira pergunta: **Como a secretária de educação tem apoiado o trabalho desenvolvido pela escola?** Não houve resposta, pelo fato da escola não ter desenvolvido nenhum projeto referente ao tema.

A quinta pergunta se refere aos casos de indisciplinas encontradas em sala de aula que diz o seguinte: **Há casos recentes de indisciplina na escola? Identifique?** Resposta: Sim, alunos e professores se confrontando.

E por último a sexta pergunta que relata: **Como os gestores junto com os professores lidam com essa questão?** Resposta: Com diálogo.

Como vimos as respostas são de significados que ainda deixam a desejar. A questão sobre a indisciplina precisa ser bem debatida nas escolas, pois é um problema que chega de casa e vai até a escola e muitas vezes não sabemos como lidar com esses problemas.

A instituição escolar não pode ser vista apenas como reprodutora das experiências de opressão, de violência, de conflitos, advindas do plano macroestrutural. É importante argumentar que, apesar dos mecanismos de reprodução social e cultural, as escolas também reproduzem sua própria violência e sua própria indisciplina. A escola, como qualquer outra instituição, está planejada para que as pessoas sejam todas iguais. Há quem afirme: "quanto mais igual, mais fácil de dirigir. A homogeneização é exercida através dos mecanismos disciplinares, ou seja, de atividades que enquadram o tempo, o espaço, o movimento, gestos e atitudes dos alunos, dos professores, dos diretores, impondo aos seus corpos uma atitude de submissão e docilidade. Assim como a escola tem esse poder de dominação que não tolera as diferenças, ela também é recortada por formas de resistência que não se submetem às imposições das normas do dever-ser (AQUINO, 1996, p. 77).

Nos últimos tempos, a indisciplina escolar vem inquietando educadores de todo o país, tornando-se, para as instituições de ensino, um enorme desafio permeado de muitas complexidades. E o que vem a ser essa indisciplina? A falta de limites, o desrespeito aos direitos dos outros, incompreensão das regras de convivência e falta de solidariedade, atitudes que não combinam com a atividade em grupo.

### 3.4 Análise dos questionários dos professores

Os questionários foram aplicados, à quatro professores da mesma escola que foi referida anteriormente, na qual três professoras possuem apenas o pedagógico ( mais conhecido como normal) e atuam a vinte ano na educação escolar, e somente uma professora está cursando o ensino superior de pedagogia e possui dois de atuação na educação.

Portanto, foram elaboradas cinco perguntas que nos mostraram muita curiosidade a respeito das mesmas, que foram as seguintes. A primeira pergunta mostra: **O que você entende por indisciplina?** A maioria dos professores responderam que: Indisciplina é uma pessoa que tem um comportamento desviante relacionados a vários termos como: O conflito entre alunos e professores vandalismo contra a instituição escolar que muitas vezes procura atingir tudo aquilo que ela significa.

O aluno disciplinado é aquele que se encaixa no molde de uma criança ideal, e o indisciplinado é, ao contrário, aquele cuja imagem aparece institucionalmente fora de foco (AQUINO,1996,p. 31).

A segunda pergunta: **Que método tem sido utilizado na sala de aula para acabar com a indisciplina?** A resposta foi a seguinte: Com diálogo para facilitar a comunicação entre o aluno e o professor, trabalhos em grupos, auto-estima e também uma delas responderam que a reunião entre pais e professores seria muito bom para resolverem esse tipo de problema, mas o que acontece é que a maioria dos pais não comparecem nas reuniões. Isso se torna cada vez mais difícil para tentarmos diminuir a indisciplina nas nossas escolas, enquanto uma pessoa quer resolver esse problema outra já não está nem aí.

De acordo com Tiba,1996. "O professor precisa despertar no aluno a função de discípulo, cativá-lo para que se ache interessante o tópico que está sendo estudado" (TIBA, 1996, p. 105).

A terceira pergunta do questionário se refere: **Os esforços feitos para diminuir a indisciplina mostraram resultados positivos? Quais?** Todos os professores responderam: Sim, mostrar aos estudantes que se espera deles os melhores resultados, dar ao aluno a oportunidade de desenvolver seus próprios projetos, criar um clima de competição que não sobrevalorize a importância de vencer.

Os alunos vão se interessar pelo conteúdo do previsto no programa escolar se houver uma correlação entre ele e o seu dia-a-dia. O professor sábio reconhece a importância desse conhecimento para a vida (TIBA, 1996, p.106).

Quarta pergunta: **Os pais participam das discussões sobre indisciplina?** Resposta: Muito pouco, na maioria das famílias este assunto é pouco abordado, pois alguns dos pais não se preocupam em dar-lhes uma educação saudável aos seus filhos e com isso os tornam indisciplinados.

Como já foi abordado anteriormente sobre essa pergunta, a participação dos pais são irregulares a respeito deste tema. Portanto, é de muita importância que os mesmos possam debater sobre a indisciplina que está cada vez mais se alarmando nas escolas e em casa e o diálogo é essencial.

“Alguns pais motivados pelo amor, pelo desejo de satisfazer todas as necessidades dos filhos, não modificam seus comportamentos e ofertas à medida que a criança cresce” ( TIBA, 1996, p. 27).

Quinta e última pergunta do questionário dos professores que diz o seguinte: **Vocês professores recebem ajuda de Psicólogos, Assistentes Social, Médicos e outros, para prevenir possíveis problemas de indisciplina?** As respostas dos professores foram muito diferentes: Duas professora respondeu que não recebem ajuda de ninguém. Uma respondeu que só recebe ajuda do diretor. E a outra professora respondeu que tem ajuda de assistente social, de alguns professores e as vezes pode contar com o apoio da 10ª região de ensino.

O professor imagina que a garantia do seu lugar se dá pela manutenção da ordem, mas a diversidade dos elementos que compõem a sala de aula impede a tranqüilidade da permanência neste lugar. Ao mesmo tempo que a ordem é necessária, o professor desempenha um papel violento e ambíguo, pois se, de um lado, ele tem a função de estabelecer os limites da realidade, das obrigações e das normas, de outro, ele desencadeia novos dispositivos para que o aluno, ao se diferenciar dele, tenha autonomia sobre o seu próprio aprendizado e sobre sua própria vida.

A classe é o lugar onde se tece uma complexa rede de relações, mas na medida em que o professor não consegue perceber essa teia ele concentra os conflitos ou na sua pessoa, ou em alguns alunos, não os deslocando, portanto para o coletivo. Como não há reversibilidade de posições, forma-se uma rígida divisão entre aquele que sabe e impõe e aquele que obedece e se revolta (COLOMBIER apud AQUINO, 1996, p. 79).

Desta forma, cada um passa a ser movido por uma ordem, por uma obrigação que é imposta e não incorporada. O grande problema talvez esteja no fato de o professor se concentrar apenas na sua posição normalizadora achando que, com isso, ele conseguirá eliminar os conflitos.

As discussões na sala de aula marcada pela diferença, pela instabilidade, pela precariedade, apontam para inutilidade de um controle totalitário, de uma planificação racional, pois os alunos buscam de modo espontâneo e não planejado, que impede a instalação de qualquer tipo de autoritarismo. Quanto maior a repressão, maior a violência dos alunos em tentar garantir as forças que assegurem sua vitalidade enquanto grupo.

Quando o professor experimenta a ambigüidade do seu lugar, ele consegue, juntamente com os alunos, administrar a violência intrínseca ao seu papel, isso não significa que a paz reinará na escola, mas que alunos e professores, por força das circunstâncias, serão obrigados a se ajustar e a formular regras comuns, os limites de tolerância. Portanto, nem o autoritarismo e nem o abandono (AQUINO, 1996, p.79).

A relação professor/aluno já vem abalada por embates e desafios: os problemas infra-estruturais como os salários e a precariedade das condições físicas; os problemas sociais e de relacionamento como os de segurança e ameaças ao exercício de sua função por alunos e outros grupos institucionais; os problemas técnicos e de formação que parecem eternamente descontraídos das demandas e das condições dos aprendizes; e assim por diante.

### 3.5 Análise dos questionários dos alunos

Os questionários foram desenvolvidos com alunos do 2º ano, no qual os alunos tinham de sete à oito anos de idade, sendo um total de quinze alunos, oito eram meninos e os demais eram meninas.

Os estudantes que lá freqüentam são crianças de baixa renda e, portanto a maioria deles são indisciplinados pelo fato dos pais não acompanharem o desenvolvimento dos seus filhos e, muitas vezes por não adquirirem condições necessárias como, por exemplo: faltam muito as aulas por estarem doentes, outros não tem o apoio da família e acabam desistindo dos estudos. São muitas as causas que levam os alunos a serem indisciplinados, como essas e outras que foram citadas.

Foram elaboradas cinco perguntas muito interessante que despertaram muito a atenção das crianças, elas adoraram o tipo de perguntas que foram aplicadas e as professoras também. As respostas foram variadas entre os meninos e as meninas, então irmos citá-las de uma por uma pergunta com as respostas da maioria da turma.

A primeira pergunta do questionário diz o seguinte: **Como é você?** E logo em baixo de cada pergunta tinham as alternativas para que eles escolhessem a que mais lhe identificaria, e as alternativas eram: Inquieto, meigo, criativo e outros. As maiorias das meninas responderam

que eram meigas, enquanto que os meninos responderam que eram inquietos, foram poucos os que responderam que eram criativos.

Já a segunda pergunta era: **Como é o seu comportamento com seus pais e seus irmãos?** As alternativas foram as seguintes: Você obedece à seus pais; costuma brigar com seus irmãos; você é carinhoso com seus irmãos e outros. As respostas foram variadas, uns responderam que obedeciam aos pais, outros responderam que eram carinhosos com os irmãos e apenas um aluno respondeu que costuma brigar com o irmão.

Terceira pergunta do questionário: **Como você se relaciona com seu professor(a) e seus colegas de classe?** As alternativas foram: Você participa das aulas e das atividades; você ajuda seu colega nas atividades de classe; você cumpre com as atividades escolares e outros. Alguns dos alunos responderam a primeira alternativa, que participavam das aulas e das atividades e outros responderam que cumpriam com as atividades escolares.

A quarta pergunta do questionário foi a seguinte: **Gosta de praticar alguma atividade extra-classe ? Qual?** As alternativas foram as seguintes: Dançar, jogar bola, brincar de boneca e outros. As respostas das crianças como podemos perceber pelas alternativas, claro que as meninas escolheram dançar e brincar de boneca, e claro que os meninos responderam que gostavam de jogar bola.

E a última pergunta foi: **Seus pais costumam ir a escola para ver seu comportamento e suas notas?** Essa pergunta não teve alternativa, os alunos precisavam responder apenas sim ou não, e o que foi respondido pela maioria foi sim.

Portanto, foi ótimo fazer esses questionários com gestor, professores e alunos. Isso me fez ver de perto a realidade de como funciona uma escola e também, ver o comportamento dos alunos e dos professores diante dessas experiências.

Desta forma, espero que com o trabalho realizado na escola, possa esclarecer mais sobre o que se trata a indisciplina gerada no ambiente escolar, e com isso surgir novas idéias de como deve ser trabalhada a indisciplina em sala de aula.

Crianças e jovens, por incrível que pareça absolutamente ávidos pelo saber, pelo convite à descoberta, pela ultrapassagem do óbvio, desde que sejam convocados e instigados para tanto. Tudo depende, pois, da proposta por meio da qual o conhecimento é formulado e gerenciado nesse microcosmo que é cada sala de aula. Entretanto, a tarefa é intrincada pois pressupõe sempre um recomeço, a cada aula, cada turma e cada semestre ( AQUINO, 1996, p. 52).

Enfim, a indisciplina escolar requer visão, mas também ação. Só que de forma conjunta. Com a participação ativa da família, com a conscientização do indivíduo e com a transformação da escola. Esses segmentos não podem atuar de maneira dissociada, porque o que está em jogo é a preparação de pessoas para o exercício da cidadania na sociedade.

### **3.6 Análise do estágio**

O referido estágio foi realizado com uma turma de 2º ano de ensino infantil, na Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental e Médio Dr. Silva Mariz, que fica situada na cidade de Marizópolis - Paraíba.

No qual trabalhamos através de textos e diversas atividades, sempre com a interação dos alunos, levando em consideração a socialização e o companheirismo entre os mesmos. A maioria das atividades foram trabalhadas em grupo entre os alunos, percebi que havia uma falta de construtivismo na sala de aula, o que me chamou mais a atenção foi quando os alunos se queixaram bastante, ao ver que eu, como estagiária, poucas vezes não escrevi no quadro, como eles estão bem acostumados com o tradicional, foi um pouco difícil conseguir aplicar as aulas. A presença da Professora foi diariamente, pois a mesma gostava de participar das aulas observando os alunos e minhas aulas.

Mas eu não poderia deixar de agradecer a Professora, pelo espaço que me concedeu e pela confiança que me depositou. Como também a escola que me acolheu de braços abertos, os alunos, porque se não fosse eles eu não teria realizado este trabalho tão brilhante e também aos pais dos mesmos que confiaram no meu trabalho.

O estágio foi uma experiência única, no qual pude desenvolver as qualidades essenciais para a vida escolar, atingi os meus objetivos no que diz respeito ao processo educativo. De modo que, nos proporcionou uma sensação de responsabilidade e de dever cumprido, devido termos contribuído para a aprendizagem dos alunos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação brasileira tem vivido através de décadas de pesquisas e discursos inovadores produzidos basicamente nas universidades, e de nenhuma prática inovadora que se generalize no cotidiano da sala de aula nas escolas particulares e públicas.

Admitir que hoje a mídia é extremamente competente na transmissão de informação, superando em muitos os métodos e técnicas de ensino tradicionais. Compreender que hoje nossa sociedade, não obstante se caracterize por grandes desigualdades sociais, é uma civilização vídeo gráfica e, portanto a "escola não poderá prescindir destes recursos" sob pena de, em breve, termos um novo analfabeto indisciplinado.

A escola tem de reencontrar a vida, ou seja, modernização da escola não significa a compra de moderna tecnologia da educação, aparelhos de TV e vídeo, laboratórios de informática de ponta, etc., mas sim a transformação mais profunda nos processos psicológicos e pedagógicos.

Por essa razão, falar em educação, é por excelência falar em batalhas, dificuldades, busca de limitações, afinal o princípio educacional tem como norte, o romper barreiras. Desta forma, o professor precisa estar preparado para lidar com cada situação, sempre se aperfeiçoando ao trabalho de educador, e contando com a ajuda dos demais educadores, assim, essas dificuldades de indisciplina podem ser amenizadas ao longo do tempo.

Portanto o diálogo, o respeito, o companheirismo e a comunicação verdadeira são essenciais para o desenvolvimento, assim como o limite e a indisciplina. As regras justas são de uma ajuda indispensável. Regras justas, e não regras inflexíveis, já que agressividade e o autoritarismo podem gerar rancores, hostilidade, sentimento de rejeição e rebeldia. Só se educa aquele que não tem necessidade de dominar.

Enfim, para transformar a indisciplina em disciplina é preciso principalmente que os professores trabalhem com responsabilidade, bom humor, companheirismo e acima de tudo deixar que os alunos pensem e reflitam sobre o tal para que desenvolvam seu olhar e caráter crítico da sabedoria.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Júlio Groppa: **Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas** - São Paulo: Summus, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal,1981. Vigiar e punir - Petrópolis: Vozes,1995.

GENTILE, Paola. **A indisciplina como aliada**. Revista Nova Escola, ano XVII, nº 149 - 202. Janeiro/Feveireiro.

GUIRADO, M. **Instituições e relações afetivas: o vínculo com o abandono**. São Paulo: Summus,1986.

MOYSÉS, M. Aparecida A.; COLLARES, Cecília A. L. **Sobre alguns preconceitos no cotidiano escolar**. Idéias: FDE, São Paulo, 1993.

TIBA, Içami. **Disciplina: o limite na medida certa** - São Paulo: Editora Gente,1996.

VASCONCELLOS, Celso S. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. 7 ed. São Paulo: Libertard,1996.

# ANEXOS

NOME:

IDADE:

TEMPO QUE TRABALHA EM EDUCAÇÃO:

FORMAÇÃO:

## PROFESSORES

- O que você entende por INDISCIPLINA?
- Que método tem sido utilizado na sala de aula para acabar com a INDISCIPLINA?
- E se os esforços feitos para diminuir a INDISCIPLINA mostraram resultados positivos? Quais?
- Os pais participam das discussões sobre INDISCIPLINA?
- Vocês professores recebem ajuda de Psicólogos, Assistentes Social, Médicos e outros, para prevenir possíveis problemas de INDISCIPLINA?

NOME:

IDADE:

SÉRIE:

ALUNO (a)

• Como é você?

( ) Inquieto

( ) Criativo

( ) Meigo

( ) Outros \_\_\_\_\_

• Como é o seu comportamento com seus pais e irmãos?

( ) Você obedece à seus pais;

( ) Costuma brigar com seus irmãos;

( ) Você é carinhoso com seus irmãos;

( ) Outros \_\_\_\_\_.

• Como você se relaciona com seu professor(a) e seus colegas de classe?

( ) Você participa das aulas e das atividades;

( ) Você ajuda seu colega nas atividades de classe;

( ) Você cumpre com as atividades escolares ;

( ) Outros \_\_\_\_\_.

• Gosta de praticar alguma atividade extra-classe? Qual?

( ) Dançar;

( ) Jogar bola;

( ) Brincar de boneca;

( ) Outros \_\_\_\_\_.

• Seus pais costumam ir a escola para ver seu comportamento e suas notas?

NOME :

IDADE:

TEMPO QUE TRABALHA EM EDUCAÇÃO:

FORMAÇÃO:

## **GESTORES**

- O que você entende por INDISCIPLINA?
- Como a escola tem resolvido a questão da INDISCIPLINA?
- A escola tem desenvolvido algum projeto sobre INDISCIPLINA? E como ela é trabalhada?
- Como a secretária de educação tem apoiado o trabalho desenvolvido pela escola ?
- Há casos recentes de INDISCIPLINA na escola? Identifique:
- Como os gestores junto com os professores lidam com essa questão?